

Aspectos do Processo de Identificação do Adolescente na Sociedade Contemporânea e suas Relações com a Violência

David Léo Levisky*

“O que me dilacera o coração é esta força destruidora oculta em toda a natureza, esta força que nada cria senão para destruir-se e destruir o que cerca ao mesmo tempo.” (Werther, Goethe, 1771).

Vivemos uma sociedade turbulenta e esmaecida de parâmetros, quem sabe uma mudança de Era. A história das civilizações nos revelou a idade do fogo, da pedra, do bronze e agora a idade da informática e o mundo das imagens, onde o real e o virtual se confundem entre outras inúmeras colisões.

Ao lado de tanta tecnologia uma violência digna do homem primitivo está solta por toda parte, nas relações familiares, nas escolas, nas ruas, nos meios de comunicação, nas filas, nas relações institucionais, no lazer. Lemos em algum lugar que “o viver virou a arte de sobreviver”.

Dentro destas circunstâncias entendemos que a tomada de consciência das características do desenvolvimento mental, do funcionamento instintivo, da organização estrutural, dinâmica e econômica

* Psiquiatra da Infância e da Adolescência. Analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

do psiquismo humano, da organização do pensamento bem como das características dos movimentos psicossociais são fatores fundamentais para o encontro de rumos mais saudáveis da vida em sociedade.

Observamos que a sociedade se globaliza a uma velocidade vertiginosa sendo um fator adicional aos conflitos da identidade nacional. Esta última, por sua vez, é reflexo da condescendência para com indivíduos e instituições que deveriam preservar a qualidade da evolução ética dos grupos sociais, através de mecanismos adequados de comunicação, leis, normas de convivência, a preservação dos bens comuns, da memória. Mas, tristemente, o que se constata é a quebra destes papéis, suas funções e valores sem que nada lhes aconteça, transformando-se em qualidade cultural.

Tais figuras podem assumir o papel de modelos caóticos e idealizados de identificação, identificação negativa de Erikson (1972), afetando a capacidade criativa e de discriminação da realidade. Os adolescentes, em busca de sua identidade adulta, reproduzem, imitam ou estabelecem conlúios conscientes e inconscientes, como forma de contestação e de auto-afirmação. Este sistema dissociado e dissociante colabora para a psicotização da sociedade e consequente aumento da violência. Exemplos vivos são estampados diariamente nos jornais das grandes e pequenas cidades, relativos a questões de segurança pública, das relações entre os cidadãos e as instituições oficiais (filas desumanas para matrícula escolar, nos serviços de saúde em seus diferentes níveis governamentais ou simplesmente para se tirar uma carteira de trabalho), sem falar na qualidade de muitos de nossos políticos.

A sociedade democrática se organiza dentro de certas normas, teoricamente em condições de igualdade para todos. Mas, na realidade, as ações podem ser diametralmente opostas gerando aumento de tensão, desorganização e desrespeito, humilhando o cidadão, gerando intensas frustrações e descargas agressivas, que vão servindo de ingredientes para a violência moral e física. A meu ver, fruto da ausência simbólica de pais, ou dito de outra forma, devido à falta de um sistema social efetivo e continente das angústias de seus integrantes.

A ou as violências? Seja como for, o fenômeno é complexo. Há a violência aceitável, até glorificada por muitos, quando ela ocorre em nome da legítima defesa ou de um ideal comum, pátrio. Neste caso, a atitude agressiva é avalizada pelo povo ou pelos organismos oficiais, como ocorre em estados de guerra, quando o cida-

dão empunha sua bandeira em nome da defesa da pátria; noutros casos, na defesa do seu pedaço de terra duramente conquistado e arduamente trabalhado.

Pode-se considerar que a própria cultura é expressão de uma violência se entendermos que os impulsos agressivos e libidinosos precisam encontrar vias de descargas sublimadas, suficientemente reprimidas ou diluídas, para que a vida social se torne viável. Os impulsos se expressam através de diferentes formas de manifestações, por meio de hábitos, costumes e tradições, emanados de uma cultura cuja memória nela se inscreve e está inscrita.

Os adolescentes, por suas características biopsicossociais, tendem espontânea e naturalmente a passar ao ato, com maior tendência a descarregar seus impulsos agressivos e sexuais diretamente, através do processo primário. Isto é, através de vias eferentes. Estas são vias de expressão rápidas e buscam a satisfação imediata dos desejos, sem passar pelos critérios de avaliação, simbolização e linguagem que caracterizam o processo secundário. Com frequência os adolescentes pensam depois da ação ter sido realizada. Percebem, não raro, as consequências de seus atos afetivos após a ocorrência dos fatos. Frente à fragilidade egóica e a predominância de mecanismos psíquicos primitivos diminuem suas possibilidades de postergar, substituir, ponderar ou reprimir eficazmente a satisfação de seus desejos.

Paralela e concomitantemente entendemos que a sociedade contemporânea, com suas conquistas tecnológicas e de maior liberdade social, é também facilitadora de situações que levam a prolongar a adolescência como estado da mente, até mesmo perpetuá-la, favorecendo a ambivalência, as cisões, a tendência à passagem ao ato e baixos teores de responsabilidade.

Em outros termos, aquilo que é tolerável durante a adolescência normal, tem se hipertrofiado no próprio adolescente, mas não só nele, e está se transformando num padrão de comportamento social, caracterizado por um estado de conformismo, apatia, impotência, rebeldia, desfaçatez, indiferença, chegando às raias do radicalismo.

O vandalismo, a delinquência, a prostituição, a perda de respeito pelo privativo, pelos bens comuns da sociedade, a má qualidade das relações humanas, tornam-se modelos de auto-afirmação e de contestação, conseqüentes de um lado à incorporação de objetos caóticos de identificação, e de outro, num grito de desespero, numa tentativa inconsciente de recuperar algo que foi perdido ou não adquirido durante o processo evolutivo, e que necessita, na adolescên-

cia, ser resgatado, se não pela família, através da sociedade. Muitas vezes, os pais a serem incorporados são predominantemente maus ou inexistentes, representados por líderes ou governantes que ocupam o espaço do objeto negativo e avalizador desta identidade.

Caracterizo desta forma os prejuízos e sofrimentos diretos e indiretos decorrentes da violência que atinge os adolescentes e de certas atuações violentas dos adolescentes sobre a sociedade. É durante a adolescência que se tem uma segunda, e grande oportunidade, para se oferecer condições construtivas ou destrutivas ao desenvolvimento da estrutura de personalidade dos jovens, a partir da interação com a sociedade da qual fazem parte, e na qual vão buscar seus novos modelos identificatórios.

Os jovens são vulneráveis e susceptíveis às influências oriundas do meio social. Buscam fora do núcleo familiar aspectos que desejam incorporar à sua realidade pessoal, ou outros, com os quais necessitam apreender a lidar e que constituem uma parte do seu eu, nem sempre bem integrada à personalidade.

Desejo discutir sobre alguns fatores existentes na sociedade contemporânea, especificamente a brasileira, que contribuem para incrementar a violência da sociedade sobre ela mesma. É sabido que, desde a tenra infância se estruturam as bases da personalidade. É quando são incorporados os primeiros valores psicossociais que compõem os parâmetros da Cultura, a partir da relação do bebê com seus pais.

Há uma correlação, explicitada por Freud (1921), em seu trabalho "Psicologia das Massas", entre os aspectos narcísicos, o ego ideal e os processos de identificação. Observa-se, como dentro de um grupo podem ocorrer mecanismos regressivos levando a uma perda da identidade individual prevalecendo a grupal. Neste movimento, os ideais narcísicos mais primitivos ligados à onipotência, à negação da realidade e à cisão podem predominar no ego, com conseqüente perda ou diminuição do senso crítica e da autonomia individuais.

Winnicott (1975) por sua vez, através de seus trabalhos sobre o espaço transicional nos possibilita compreender como as patologias da formação deste espaço virtual comprometem a área na qual a cultura se estabelece. Mostra-nos também como a delinquência, muitas vezes, é fruto de um movimento criativo, de uma forma de resgate da capacidade de busca; eventualmente perdida em conseqüência de falhas existentes nas primeiras relações emocionais.

Quem visitar o Museu do Holocausto em Washington, em Israel, ou o Museu de Caen, na França, em homenagem aos mortos da aventura nazista, poderão testemunhar o que a perversidade humana é capaz de realizar. Mais próximos de nós, em qualquer esquina, perversões com a mesma qualidade psíquica são observadas através do genocídio mental diário que se está cometendo contra milhões de crianças, numa condição dita de paz.

Esta qualidade psíquica é latente em todos nós. Em determinadas circunstâncias psicossociais ela aflora, mobilizando a arrogância e a onipotência, que, se incorporada pelos movimentos grupais, estimulam ideologias narcísicas e fantasias de grandeza e onipotência, do tipo raça pura e perfeita. Acabam por receber o aval das massas glorificando os donos do poder. Estabelece-se um enamoramento e um conlúio entre as partes, líderes e liderados, que escolhem fora do seu próprio eu, e projetados sobre as vítimas escolhidas como “bode espiatório” dos males a serem extirpados. Desta forma não há sentimentos de culpa no grupo, pois elas são depositadas sobre as vítimas que são responsabilizadas pelos fracassos e imperfeições, e portanto deverão ser eliminadas.

Estes afetos podem ser mobilizados pela propaganda e com o consentimento consciente ou inconsciente, que vai contaminando a massa. No caso da sociedade hitlerista por exemplo, o líder era o centro das projeções de fantasias infantis e de onipotência, representando os ideais narcísicos da sociedade alemã daquela época. Sociedade dominada pela racionalização e por mecanismos psíquicos primitivos, contaminando a capacidade crítica individual ou gerando intensa submissão e perda de autonomia.

Voltando os olhos para a realidade atual, diariamente a mídia estampa violências cometidas contra e pela juventude, dentro de uma sociedade cada vez mais global e com perdas da noção de limites. Sociedade que está cada vez menos continente de suas contradições e valores, muitas vezes cruel, injusta, e desigual em suas oportunidades.

Os valores específicos e regionais de cada cultura estão sendo rapidamente destruídos ou transformados sem que haja o tempo suficiente e necessário para a elaboração e o estabelecimento de novos parâmetros internos e sociais. Quando estes se estabelecem, rapidamente são ultrapassados, frutos de novas informações e tendências de pensamentos, estranhos aos usos e costumes até então tidos como válidos.

A velocidade e a transitoriedade dos valores geram instabilidade, insegurança e favorecem as descargas impulsivas, as quais passam a fazer parte do cotidiano. A massividade das transformações dos parâmetros que regem os hábitos, normas e costumes, através de seus códigos de ética, atropela a capacidade perceptiva, reflexiva, o senso crítico e a repressão eficaz dos impulsos indesejáveis para a vida social..

Este é o clima que sócio-cultural em que vivemos, cujas repercussões psicológicas são difíceis ainda de serem avaliadas, mas que, particularmente, me surpreendem e assustam. Desejo trazer ao debate os destinos de nossa juventude frente a uma sociedade na qual o elemento violência, em suas diferentes formas de expressão, está fazendo parte dos modelos identificatórios, como padrão de conduta, e forma de auto-afirmação dentro desta sociedade.

A auto-afirmação é um componente necessário e desejável dentro do processo de desenvolvimento da identidade do adolescente. Ela se faz presente através da rebeldia, da revolta, de manifestações agressivas mitigadas e mais ou menos toleradas pelo restante da sociedade. Podem ocorrer escapes do seu controle, com manifestações impulsivas, através de atuações motoras de colorido psicótico e psicopático transitórios. Mas, quando a violência física, a baderna, o vandalismo, a amoralidade se tornam meios de auto-afirmação incorporados ao cotidiano da vida comunitária, isto é a meu ver um grave sintoma da patologia psicossocial.

Este clima tenso e inseguro permeia nossa cultura atual. Nestas circunstâncias cabe um diálogo profundo e reflexivo sobre os destinos de nossos filhos e das nações. Que herança cultural estamos transmitindo? De que maneira, juntamente com os jovens, podemos trabalhar para atenuar as causas atuais geradoras de violência?

É utópico pensar em eliminá-la. O próprio estabelecimento da cultura expressa um tipo de violência, de repressão a um certo conjunto de pulsões.

No Velho Testamento (Êxodo) a violência é considerada aceitável quando utilizada como forma defensiva frente a ação dos violentos e dos escravagistas. Ela é um apanágio do ser humano que emerge em determinadas conjunturas psicológicas e psicossociais, quer como agente quer como reação. Pode ser tanto uma manifestação defensiva, na forma de preservação ou estar a serviço da satisfação de impulsos perversos racionais ou irracionais.

Estamos caracterizando a violência dentro do contexto do processo de identificação, como uma reação conseqüente a um senti-

mento de ameaça ou de falência da capacidade psíquica em suportar o conjunto de pressões internas e externas a que está submetida.

Se retomarmos os pensamentos de Goethe (1771), com os quais iniciamos esta exposição, eles servem de ponto de referência para demonstrar que a percepção dos limites do psiquismo humano, em termos de suas capacidades de adaptabilidade, são anteriores aos primeiros trabalhos psicanalíticos de Freud que datam do final do século passado. Pela sua natureza, o Homem tende a querer ultrapassar seus limites, ignorar suas possibilidades e desconsiderar o seu próximo ao lado de todo o amor que emana de sua alma. A questão parece estar na capacidade de equilibrar estas forças de integração e desintegração presentes no espírito humano.

A corrupção, o descaso pelas minorias, as injustiças sociais e econômicas, as legislações fraudulentas elaboradas para preservar pequenos grupos controladores do poder, líderes onipotentes e narcísicos que visam gratificações pessoais e imediatas, a defaço, são alguns exemplos que caracterizam mecanismos psicológicos inconscientes ou premeditados, muitas vezes sutis, de ações que transcendem os limites da capacidade de suportar sofrimento dos indivíduos que compõem o grupo.

Freud (1920) em seu trabalho “Além do Princípio do Prazer” especulou sobre a existência de um instinto de morte se contrapondo ao instinto de vida. Independentemente das discussões acadêmicas a esse respeito, parece existir no ser humano algo que transcende o prazer na destrutividade como o observado nas manifestações sado-masoquistas. Algo que o conduz a procurar um estado mental nirvânico, uma incapacidade para a individuação e busca de autonomia como na drogadição. Estado mental que podemos equiparar à degeneração (entenda-se morte) psíquica ou noutros termos, a cristalização (fixação) do funcionamento mental em estádios primitivos do seu desenvolvimento, caracterizado pela incapacidade de suportar qualquer frustração, atacando a capacidade de pensar criativamente.

O processo de identificação tem início antes mesmo da criança nascer, a partir dos anseios, projeções, idealizações conscientes e inconscientes existentes no imaginário dos pais, em relação ao futuro bebê. Este processo prossegue por toda a vida, através de sucessivos períodos críticos de reorganização egóica, devido à redistribuições da libido e da destrutividade, sofrendo transformações de valores e ideais (Levisky, 1995). Neste processo contínuo

de transformações há aspectos que se tornam constantes e outros que sofrem contínua evolução.

A identidade como um aspecto da personalidade pode ser compreendida como a resultante de uma multiplicidade de identidades parciais que, à semelhança de um caleidoscópio, tem elementos invariáveis e outros mutáveis, os quais contribuem para a formação de diferentes configurações afetivo-cognitivo-social da personalidade. A identidade, em seus múltiplos aspectos, será agente modificador da cultura e sofrerá as consequências dessas mudanças.

Há culturas que favorecem a expressão de certos aspectos da vida pulsional, rejeitados por outras culturas. Assim, o canibalismo dos povos primitivos é rejeitado pela cultura moderna. Entretanto, desenvolveram-se outras formas de canibalismo, como a miséria, a matança de menores como forma de resolução de problemas sociais, o genocídio das almas através do abandonismo em massa de crianças e adolescentes, ou os vários sistemas de poder que desconsideram as minorias, ou minorias poderosas que fazem um mal uso social desse poder.

Na cultura brasileira está institucionalizada a “Lei de Gerson”, de levar vantagem, do jeitinho, com o aniquilamento do sentido de existência do próximo. A cultura moderna tem favorecido a liberação de impulsos agressivos e sexuais de maneira direta e nem sempre sublimada. Caminha-se da conquista da individuação para o individualismo. Os limites entre o privativo e o público estão esmaecidos, confusos.

Como vimos, os processos de identificação da criança e do adolescente ocorrem a partir dos movimentos psíquicos existentes na relação entre pais e filhos, numa interação com a família e com a sociedade maior. O adolescente incorpora, desenvolve e transforma esses valores, na busca de seus próprios modelos, no desejo de encontrar o seu próprio modo de ser, pensar e viver. Este processo se estabelece dentro de um clima determinado pelos valores impostos pela cultura vigente, que facilitam ou inibem a expressão dos movimentos pulsionais de vida e de morte ou para quem preferir a relação entre construtividade e destrutividade.

Durante a adolescência o ego se apresenta instável e vulnerável às pressões pulsionais e às influências externas, sendo altamente susceptível às influências dos fenômenos sociais, momento oportuno para a incorporação de valores, adequados ou não a uma relação construtiva dentro da sociedade. Em nosso meio, até onde a mani-

festação dos “caras pintadas” para depor o então presidente Collor foi uma expressão espontânea dos ideais da juventude brasileira ou manipulação de forças políticas e econômicas que se utilizaram de forma maniqueísta da juventude, para veicular seus interesses? A leitura do livro “O Cidadãos de Papel” do jornalista Gilberto Dimenstein é bastante ilustrativa e esclarecedora neste sentido.

Por outro lado, os jovens sofrem as consequências e interferem ativamente nos destinos da sociedade à qual pertencem. Transformam em moda, material de consumo em massa, as proposições e influências originárias das pressões de mercado e da mídia. Deste processo dinâmico de interações, onde a rebeldia é um componente inerente e salutar ao processo de transformação, podem emergir distorções na qualidade das relações geradoras de violência.

Lembro que estou considerando violência aquela extraída da compreensão metapsicológica do aparelho psíquico. Não me refiro apenas à violência física, mas àquela que é fruto de uma excitação excessiva, que ultrapassa a capacidade psíquica de metabolização biopsicológica. Esta intensidade excessiva de excitação representa uma agressão, uma ameaça ao sentimento de unidade e de integridade do indivíduo.

O termo “violência” vem do latim: = violentia = ato de violentar, constrangimento físico ou moral, ao qual pode-se acrescentar a coação ou coerção psicológica.

Num belíssimo estudo realizado por Jurandir Freire Costa sobre Psicanálise e Violência (1986) o autor ressalta os vários conceitos sobre violência: a educação e o processo cultural são “frutos de um poder arbitrário, de um arbítrio cultural”. Porém esta condição é inerente à organização do homem em sociedade e depende de sua capacidade adaptativa e dos constantes processos de transformação para a manutenção da sociedade num relativo estado de equilíbrio instável, os quais são determinados pelos grupos que detém o poder sobre a mesma.

Freire Costa prossegue dizendo: “a violência é um artefato da cultura e não o seu artífice”... Éla é uma particularidade do viver social, um tipo de ‘negociação’, que através do emprego da força ou da agressividade visa encontrar soluções para conflitos que não se deixa resolver pelo diálogo e pela cooperação.”

Minha observação é de que a sociedade brasileira tem vivido um tipo de violência passiva, fruto da repressão, da submissão e da castração cujas origens datam de épocas coloniais, caracterizadas

por uma mentalidade escravocrata e coronelista. Percebe-se na atualidade um novo movimento democrático, um esboço de reações reveladoras de uma conscientização maior dos direitos e deveres dos cidadãos. São brotos do exercício do dever cívico e de manifestação de vontade política.

Devemos incrementar este movimento, caso contrário, permaneceremos colaborando com um conlúio silencioso, utilizando-se de mecanismos mentais primitivos como: cisão, negação da realidade, identificação projetiva, idealização ou intensa repressão, esquivando-nos de nossas responsabilidades cívicas, colaborando pela manutenção do “status quo”.

Esta violência passiva se expressa pela negligência, pela desfaçatez, pela corrupção, pela indiferença, pelo fenômeno de fazer vista grossa que são reveladores de um clima de conivência refletora de uma violência estrutural de nossa organização social e psicológica, com profunda desvalorização das relações humanas, do ser e do viver.

O canibalismo dos povos primitivos, substituído por outras formas de violência, é apenas um modelo para exemplificar as transformações pulsionais. A cultura ocidental contemporânea, agora globalizada, tem favorecido a liberação de impulsos agressivos e sexuais de maneira direta e nem sempre sublimada. Torna-se necessário um esforço maior e consciente para equilibrar esse jogo de forças, cuja tendência espontânea parece caminhar para o caos.

Muitos só se dão conta que estão se afogando quando a água chega ao pescoço. Em nossa cultura as medidas preventivas são desprezadas, algumas por ignorância (perdôa-se, lamenta-se), outras por negação, por desprezo à realidade. Expressão do instinto de morte? Prevalência da destrutividade sobre a criatividade ?

Creio que o filme “Carlota Joaquina — Princesa do Brasil”, além de sua versão histórica dos fatos, enfatiza elementos da herança do caráter nacional, herdadas com a vinda da Corte para cá: despreparo, comodismo, egocentrismo, improvisação, quebra-galho, conlúios patológicos, submissão e subserviência, interesses imediatos e fraqueza de espírito. Esta é nossa realidade. Não se está à procura de um culpado que sirva de bode expiatório, nem adianta lamentar o passado. Temos que erguer a cabeça e encarar de frente nossas fraquezas, não com pudor e vergonha, mas com humildade para encontrarmos a coragem para superá-las. Aliás, são qualidades humanas que estão presentes em qualquer cultura. Talvez aqui elas sejam mais expressivas em certas circunstâncias.

O que desejo frizar é que os pais são modelos identificatórios para os filhos, e, os líderes de uma nação podem ser incorporados como modelos do caráter nacional, principalmente pela juventude.

A instituição Família é outro componente deste intrincado complexo gerador de violência, em decorrência das transformações pelas quais vem passando. o Família. Giannetti (1994) sugere que: “O enfraquecimento da família intacta vem tendo efeitos negativos sobre os seus elos mais fracos. Mais do que a escola, a família é a principal responsável pela transmissão social de um sentido de valores que induza os mais jovens a desenvolver suas capacidades morais e cognitivas (...) nada substitui a presença dos pais que cooperem ativamente na criação dos filhos e valorizem o empenho escolar (...) A família é a primeira, a menor e a mais importante escola”.

Na família da sociedade atual o pai simbólico, orientador, que sinaliza o eixo e os limites e o elemento materno, continente e provedor estão esmaecidos, confusos, ambivalentes quanto aos seus papéis e valores a serem transmitidos. A mulher, a quisa de exemplo, conquistou novos espaços na sociedade, mas, em contrapartida, grandes perdas estão ocorrendo na qualidade das primeiras relações mãe-bebê e na realização da função materna. Estes fenômenos são devidos, em parte, às transformações rápidas, difíceis de serem acompanhadas, característica da cultura vigente.

A história da humanidade nos tem mostrado que o homem ao caminhar numa determinada direção, seja ela positiva ou negativa, de vida ou de morte, enfrenta no seu inconsciente a presença de forças antagônicas, numa constante busca para equilibrar a dialética do aparelho psíquico. Freud (1920) em seu trabalho “Além do Princípio do Prazer” especula sobre a hipótese da dualidade instintual, possível via de compreensão destes enigmas.

Se tomarmos os fenômenos da natureza como paradigma, ela nos apresenta, em vários dos seus sistemas, situações de equilíbrio estável, instável e estados de caos que remetem a novos estados de equilíbrio. Em nossa trajetória o imponderável se faz presente. Entretanto, o homem tem demonstrado ter desenvolvido certo poder para interferir, controlar ou atenuar o efeito de muitos fenômenos, inclusive aqueles inerentes à sua natureza, como ser afetivo e pensante, expressos nos códigos que caracterizam determinada cultura.

Creio que o momento atual requer muita atenção e reflexão frente ao novo que se delineaia, graças à rápida degeneração dos hábitos e tradições que constituem a Cultura, fundamental para a preservação

de certo grau de estabilidade psicossocial. No Velho Testamento (Levítico,26) está escrito no capítulo: “Ameaças aos transgressores da lei”, versículos 14, 15 e 16, a violência com que Deus pune os transgressores: “Se, porém, não me ouvirdes e não me observardes e não observardes todos os meus mandamentos (...) eu vos tratarei desta maneira: Visitar-vos-ei prontamente com a indignância e com um ardor que vos cegue os vossos olhos, e consuma as vossas almas”.

O momento não é de punição, mas de observação, percepção e reflexão sobre o que está ocorrendo com a sociedade, visto que no mundo contemporâneo, em nome de uma pseudo-liberdade, tudo é considerado válido.

A falta de perspectivas que campeia a vida de muitos adolescentes é outro ingrediente para o incremento da violência como reação a um estado frustrante e contraditório insuportáveis. Prepararam-se durante anos para encontrar um caminho na vida adulta, respeitar e preservar uma série de valores, mas deparam-se com elevadas doses de desesperanças (falta de emprego, salários aviltados, dificuldades para constituir e assumir uma família). Esta situação gera o prolongamento da condição adolescente, que adquire um caráter de mecanismo defensivo. Hoje é necessário desenvolver um número maior de recursos pessoais para alcançar um grau significativo de autonomia. Seu futuro é pouco promissor quanto às possibilidades de realizações consistentes e duradouras. As gratificações tendem a ser imediatas e efêmeras dificultando os processos de sublimação de seus desejos agressivos e sexuais.

Do ponto de vista conceitual, alguns autores só reconhecem a existência de violência quando o sujeito que sofre a ação agressiva sente no agente da ação um desejo de destruição. Esta é uma questão complexa, pois sabe-se que o indivíduo ou uma coletividade pode utilizar uma série de mecanismos de defesa do ego para reprimir, negar, escotomizar, dissociar, identificar-se com o agressor, distorcendo a percepção da realidade. Da mesma forma, aquele que violenta pode usar uma série de artifícios psicológicos para justificar seus métodos, como ocorreu durante o período ditatorial (1964) no Brasil, ou por ocasião do Holocausto durante a II Guerra Mundial, na Guerra do Vietnã, ou em genocídios causados pela fome em tantas partes do mundo, ou aqui mesmo, nas favelas contíguas às nossas casas.

O massacre informativo e a falta de critérios na produção de programas de TV é outro importante fator gerador de distorções sociais, quando o sistema é conduzido visando apenas o consumo e

a manutenção do poder por grupos específicos. Torna-se uma forma subliminar de ação violenta, numa relação desigual de forças entre o poder das emissoras (ideológico, econômico etc) e os telespectadores. Não se pode afirmar de início que haja uma intenção premeditada de violentar as mentes e subjugar-las a um determinado caminho ideológico. Entretanto, quando se adquire um certo conhecimento a respeito dos poderes negativos e dos usos excusos que dela são feitos, cabe a ação da denúncia. Penso que a relação da mídia com a sociedade precisa ser revista, principalmente quando sabemos de suas influências sobre a estruturação da personalidade das crianças e dos jovens. Os recursos protetores da sociedade são escassos ou pouco eficientes e o sentimento que desperta nos cidadãos é de impotência.

A violência também está presente quando escotomizamos ou somos cúmplices do silêncio neste processo e assistimos passivamente os contrastes do cotidiano de qualquer cruzamento de maior movimento na cidade de São Paulo.

Os problemas não são exclusivamente nacionais. O jornal parisiense “Le Figaro” (fevereiro 1995) também analisa, a influência da violência transmitida pela televisão sobre o comportamento humano.

Outro fator gerador de violência se localiza no sistema de abrigo de menores delinquentes, onde crianças e adolescentes internados em “casas de correção” aprimoram a delinquência. O problema é agravado pelas falhas diagnósticas. Muitos internos são diagnosticados como psicopatas constitucionais quando na realidade apresentam sociopatias crônicas resultantes de estados de abandono no qual estes jovens e crianças se desenvolveram.

A delinquência nas classes média e alta tem configurações distintas da classe operária ou desabrigada, e, não raro, fica acobertada pelo poder econômico, que silencia os processos judiciais e tenta omitir as desorganizações familiares, cada vez mais frequentes. Estas injustiças vão minando a tolerância, a confiança nos sistemas, rebaixando a auto-estima, incrementando o terreno para a violência que passa a ser o clamor desesperado, um sinal de vida, um grito de esperança.

Através da violência existente no ato delinquencial, o jovem ou o grupo ao qual ele pertence pode buscar se diferenciar do “establishment” usando elementos similares aos utilizados pelos representantes do poder (político, econômico, artístico), que por serem públicos, tornam-se modelos de identificação. A delinquência

pode ser a resultante de uma construção social cuja raiz está na própria violência familiar e social.

Levantamento realizado pela UNICEF (1993) revela que as condições de vida no Brasil estão piorando. Ocupávamos o 59 lugar e agora estamos no 70.

O IBGE (1990) revela que a América Latina terá até o ano 2.000 cerca de 100 milhões de jovens. Em 1991 eram cerca de 54 milhões apenas no Brasil (de zero a 17 anos de idade), dos quais 32 milhões vivem em estado de miséria.

Minayo e Assis (1994) apresentam dados estatísticos estarrecedores: as taxas de homicídio entre jovens de 15 a 19 anos, no município de São Paulo, subiram de 59,4/100 mil em 1980 para 182/100 mil 1985. As cidades campeãs são: Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Estes autores citam estudos realizado por Milito e col em relação aos homicídios dolosos praticados contra menores no Rio de Janeiro entre 1991 e 93. Verificaram que os alvos preferenciais são meninos entre 16 e 17 anos, habitantes de bairros pobres e próximos às suas residências. Supõem-se que tais fatos sejam devidos às ligações direta ou indireta com o tráfico de drogas. Os exterminadores foram detectados como justiceiros, muitos dos quais participantes ou egressos do próprio quadro policial. Estes justiceiros executam o desejo de uma parcela da sociedade.

As autoras concluem:

- a. na infância e na adolescência se encontram as faixas etárias com maior risco de violência fatal no trânsito ;
- b. o maior risco para homicídio é entre 15 e 19 anos ;
- c. os meninos são alvos mais vulneráveis à morte por violência que as meninas, numa proporção de dez para um ou dois.

Os suicídios, que não tem grande significância estatística, mas socialmente são altamente mobilizadores, também ocorrem com maior frequência no grupo entre 10 e 14 anos.

O Relatório da Comissão Internacional dos Direitos Humanos observa que não há mobilização da opinião pública com relação ao extermínio de crianças e adolescentes. Os inqueritos policiais são incompletos e omissos.

A própria sociedade não se dá conta de que este procedimento associado à passividade e conlúios sociais se transformam em valores a serem incorporados pela própria juventude e irão nortear suas relações e qualidades de vida.

Nesta proliferação de estados cruéis de desigualdade, de miséria e de injustiça acaba-se por enterrar a própria identidade nacional. Nosso meio psicossocial está agravado pelas discrepâncias sócio-econômico-culturais, elevado índice de natalidade, de miserabilidade, de mortalidade, elementos facilitadores de um clima de instabilidade social e propulsora de várias violências: estrutural, familiar, social ética, psicológica prejudicando enormemente a qualidade das interações humanas. Este clima incrementa um círculo vicioso gerador de mais violência.

O diagnóstico está feito. Não falta dinheiro. Existe má distribuição da renda. Não falta comida. Há desperdício. É a terra onde se plantando tudo dá. É preciso querer mudar. Fatores decorrentes da globalização da economia, da informação, da tecnologia fazem com que além dos problemas nacionais tenhamos que enfrentar as pressões internacionais. A maioria dos problemas locais, geradores de violência, estão identificados: analfabetismo, má distribuição de renda, mortalidade infantil, crescimento das cidades sem planejamento: urbano, social, de saúde, de serviços públicos, de segurança acrescidos de uma crise que atinge os valores éticos e morais.

Fala-se hoje em “reengenharia” para designar as mudanças estruturais do Estado de modo a torná-lo viável às novas necessidades da vida política, econômica e social do país. Observamos, passamos muitas vezes, notícias publicadas pela mídia democrática, sobre as lutas existentes entre aqueles que detem os poderes legais, dentro de um Congresso Nacional pouco eficiente em função de suas falhas estruturais e funcionais, dentro de uma cultura onde a hipocrisia, a corrupção, os interesses de grupos poderosos perambulam livremente na impunidade.

Diante destas situações nos sentimos impotentes, frustrados, a auto-estima abalada. A juventude, neste clima, se vê diante da desesperança, entre ilhas de desenvolvimento privilegiado, num mar tumultuoso e desnordeado. Uma boa mistura para a explosão violenta do ódio.

Em *Totem e Tabu*, Freud (1913) argumenta que: “ A Cultura tem início na e pela violência e toda ordem social repousa, em última análise, na violência que garante a obediência da lei”. Portanto, não escapamos de algum tipo de violência, mas é certo que o clima pode e deve ser melhorado.

Referências Bibliográficas

- BÍBLIA SAGRADA: São Paulo. Edições Paulinas. 1982.
- DIMENSTEIN, G.: O Cidadão de Papel. São Paulo. Editora Ática. 1993.
- ERIKSON, E.: Adolescence et Crise — La Quête de l'identité. Paris. Flammarion. 1972
- FREIRE COSTA, J.: Violência e Psicanálise. Rio de Janeiro. Edições Graal Ltda. 1986.
- FREUD, S.: Totem y Tabu (1913). Obras Completas. Madrid. Editorial Biblioteca Nueva. 1973.
- _____. Mas alla del Principio del Placer (1920). Obras Completas. Madrid. Editorial Biblioteca Nueva. 1973.
- _____. Psicología de las Masas y Analisis del Yo (1921). Obras Completas. Madrid. Editorial Biblioteca Nueva. 1973.
- GIANNETTI, E.: A família como instituição econômica (2). Jornal Folha de São Paulo. 23/10/94.
- LEVISKY, D.L.: Adolescência: Reflexões Psicanalíticas. Porto Alegre. Artes Médicas. 1995.
- MINAYO, M. C. DE S.; ASSIS, S. G.: Saúde e Violência na Infância e Adolescência. J. Ped. 70: 263, 1994.
- WINNICOTT, D.W.: O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro. Imago. 1975.